

Por que ser CRISTÃO?

Timothy Radcliffe



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Radcliffe, Timothy

Por que ser cristão? / Timothy Radcliffe ; tradução Paulinas Lisboa,
Portugal. – São Paulo : Paulinas, 2011. – (Coleção manancial)

Título original: What is the point of being a christian?
ISBN 978-85-356-2910-1

1. Igreja Católica - Doutrinas 2. Vida cristã - Escritores católicos
I. Título. II. Série.

11-10265

CDD-248.482

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã : Prática religiosa : Catolicismo 248.482

Título original: *What is the Point of Being a Christian?*

© Timothy Radcliffe, 2005

Publicado por acordo com The Continuum International Publishing Group.

Citações bíblicas: *Bíblia Sagrada*, tradução da CNBB, São Paulo, 2008.

Direção-geral: *Bernadete Boff*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Tradução: *Paulinas Lisboa – Portugal*

Copidesque: *Anoar Jarbas Provenzi*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitziue Kluska*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Projeto gráfico: *Telma Custódio*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2011

*Para minha mãe,
cuja vida responde a questão.*

Sumário

Prefácio	9
Introdução	11
CAPÍTULO 1	
“Quero acordar a aurora”	21
CAPÍTULO 2	
Aprender a espontaneidade	53
CAPÍTULO 3	
O “mar de paz”	84
CAPÍTULO 4	
“Não tenhais medo”	114
CAPÍTULO 5	
O corpo elétrico	145
CAPÍTULO 6	
A comunidade da verdade	178
CAPÍTULO 7	
“Eu sou porque nós somos”	206
CAPÍTULO 8	
Cidadãos do Reino	227
CAPÍTULO 9	
O choque das raízes	260
CAPÍTULO 10	
A criação de pandas	283
CAPÍTULO 11	
“Sem o Dia do Senhor, não podemos viver”	306
Conclusão	329

Prefácio

Timothy Radcliffe foi mestre-geral da Ordem dos Pregadores (dominicanos) entre os anos 1992 e 2001. O seu brilhantismo na pregação, quer na escrita quer na homilética ou em retiros e conferências, foi então mais divulgado e conhecido, tornando-o um *best-seller* mundial, não só entre os meios tradicionalmente ligados ao cristianismo e à vida religiosa em concreto, mas também no mundo dos não crentes e dos fiéis de outras religiões (diálogo inter-religioso).

Este livro, agora publicado em português, é bem eloquente do que tem sido toda a vida deste frade pregador: profundamente convencido do tesouro que constitui o Evangelho de Jesus Cristo, sente que não pode subtrair-se à responsabilidade de partilhá-lo com os outros – seja os que pura e simplesmente não o conhecem, seja aqueles que foram vítimas de catequeses tantas vezes distorcidas.

Partilhar um tesouro, dar a conhecer o Evangelho, é feito como uma *proposta*, nunca como uma imposição violenta nem tampouco como uma persuasão desonesta e “facilista”. Mas o autor acredita que os valores mais defendidos na nossa cultura ocidental, desde os primórdios da modernidade até hoje – a liberdade, a justiça, a igualdade, o gozo de viver, a importância da razão humana e das descobertas científicas que lhe estão associadas, o bem-estar, a arte, a ética, a solidariedade etc. –, são

os valores que se descobrem nos fundamentos da vida de Jesus e da sua Boa-Nova (= Evangelho), embora tenham sido dramaticamente postos em choque nessa relação entre cristianismo e cultura, que sempre deveria ser de *diálogo* entre realidades que se sabem autônomas e nunca de oposição/ruptura ou fusão/identificação.

Se hoje se pode falar e apresentar o cristianismo de forma serena e credível nesta nossa cultura secularizada, e em vastas zonas impregnada de indiferentismo, então este livro de Timothy Radcliffe é o exemplo acabado dessa possibilidade. Uma obra, pois, indispensável. Recomendada e a recomendar.

José Nunes op

Introdução

“Por que ser cristão?”, perguntou-me recentemente um amigo. Confesso que fiquei surpreendido com a pergunta. Fui educado como cristão, mas nunca me interessei muito pela minha fé até me perguntar se seria ou não verdade. Se era verdade que a humanidade estava destinada a tomar parte na inexprimível felicidade do próprio Deus, então esse deveria ser o objetivo da minha vida. Se não era verdade, deveria evidentemente deixar a Igreja. Por isso, respondi a esse meu amigo, “porque é verdade”. Mas isto não o satisfaz minimamente. “Mas que sentido tem ser cristão? Qual é o objetivo?”

Manifestamente, não estávamos nos entendendo. Se o cristianismo é verdade, não tem outro sentido senão o de apontar para Deus, que é o sentido, o ápice de tudo. Se nos interrogamos sobre o sentido de algo, do que fazemos e, em última análise, levarmos adiante essa interrogação, e o assunto for suficientemente sério, acabamos por nos questionar sobre o sentido de tudo, sobre o objetivo final e o sentido das nossas vidas, e é disso que as religiões tratam. Uma religião que tente fazer publicidade de si mesma, “vender-se”, porque seria útil para outras coisas – porque nos ajuda a levar uma vida estável, porque liberta do *estresse* ou porque nos faz ricos –, está causando a sua própria ruína. Se ela tem de justificar-se, pondo-se ao serviço de um outro objetivo, ela não pode ser uma religião séria, credível.

O sentido de qualquer religião é o de nos transmitir o sentido de Deus, que é o sentido de tudo. É por isso que “não faz sentido” perguntarem-nos se acreditar em Deus é significativo, porque Deus é a medida de todo o significado.

Mas o meu amigo não estava convencido: “O que você ganha com isso? Que diferença é que isso faz para você?”. Comecei a entender o que é que ele tinha em vista. Estas verdades a que aderimos devem ter consequências na vida de cada um, como têm implicações a verdade da lei da gravidade ou o fato de que a Terra seja um globo. Porque podem projetar-se aviões que levantem voo e, se voarem numa determinada direção, eventualmente regressarão ao ponto de partida. Se as verdades do ensino cristão não têm nenhum efeito na nossa vida, que espécie de verdades serão? Se Deus é o sentido de tudo, ser religioso, estar-se orientado para Deus como para o seu objetivo derradeiro, tem de transparecer de alguma forma na vida de uma pessoa.

Por isso, o cristianismo tem de fazer alguma diferença, mesmo se não se é cristão para obter essa diferença. Por exemplo, se se viesse a descobrir que os cristãos são mais calmos e descontraídos do que as outras pessoas, não seria por isso que se iria pressionar as pessoas a partilhar a nossa fé para andarem menos estressadas: “Faça-se cristão e dormirá melhor à noite”. Isso seria fazer da religião um mero acessório, útil para o nosso modo de viver, como fazer ginástica. Seria promover Deus como utilitário para mim, como um óleo de banho ou a aromaterapia. Mas o fato de a fé de alguém o tornar apenas como exemplo, mais descontraído ou feliz ou corajoso, poderá sugerir que as pretensões de verdade do cristianismo não são banais e que valerá a pena investigar. Se orientar a própria vida para Deus, como seu

destino derradeiro, tem consequências – na liberdade, tal como irei defender –, não é por isso que se vai dizer às pessoas: “Faça-se cristão, porque isso o fará livre”. Mas se os cristãos forem vistos como pessoas livres de forma atraente e intrigante, os outros podem interessar-se em saber por que e, por fim, interessar-se também no Deus que adoramos.

O cardeal Suhard, arcebispo de Paris na década de 1940, escreveu: “Ser testemunha não consiste em empenhar-se em propaganda nem sequer em agitar as pessoas, mas em ser um mistério vivo. Significa viver de tal forma, que a vida não teria sentido se Deus não existisse”.¹ Deveria haver alguma coisa nos cristãos que levasse os outros a interrogarem-se e a quererem saber o que está no coração das nossas vidas.

No século segundo ou terceiro, um cristão anônimo escreveu a *Epístola a Diogneto*, em que aprofunda o que há de diferente nos cristãos:

Os cristãos não se distinguem dos demais homens nem pela nacionalidade nem pela língua nem pelos costumes. Nem, em parte alguma, habitam em cidades peculiares, nem usam alguma língua distinta, nem vivem uma vida de natureza singular. Nem uma doutrina desta natureza deve a sua descoberta à invenção ou conjectura de homens de espírito inquieto, nem defendem, como alguns, uma doutrina humana. Habitando cidades gregas e bárbaras, conforme coube em sorte a cada um, e seguindo os usos e costumes das regiões, no vestuário, no regime alimentar e no resto da vida, revelam unanimemente uma maravilhosa e paradoxal constituição no seu regime de vida político-social. Habitam

¹ E. SUHARD, *Essor ou déclin de l'Église*, Paris, 1947; citado por S. HAUERWAS, *Sanctify the Time*, Edinburg, 1998, p. 38.

pátrias próprias, mas como peregrinos: participam de tudo como cidadãos e tudo suportam como estrangeiros.²

A afirmação é, portanto, de que há qualquer coisa de inegavelmente diferente na maneira de viver dos cristãos, que poderá levar os outros a estranhar e a interrogar-se. Tertuliano escreveu, no século segundo, que as pessoas se espantavam de ver os cristãos amarem-se uns aos outros. Haverá algo de espantoso na nossa maneira de viver?

Entre os jovens há uma imensa fome espiritual. O *Inquérito Europeu de Valores* de 1999 mostrou que um número crescente de jovens se declara religioso.³ Buscam um sentido para as suas vidas. Estão, muitas vezes, mais interessados em “espiritualidade” do que em doutrina, e não lhes agrada pertencer a qualquer forma institucional de religião que possa limitar a sua autonomia. Nas palavras de Grace Davie, uma socióloga que tem estudado a religião na Europa, acreditam sem afiliação alguma.⁴ Frequentemente, estão mais interessados noutras religiões do que no cristianismo.

Como cristão, acredito que a minha fé é “uma boa notícia”, que é o sentido literal da palavra “Evangelho”. Por que é que tão frequentemente não é vista como tal pelos jovens, vista como maravilhosa e atraente? Por que são as afirmações que fazemos acerca da nossa fé tão pouco convincentes ou mesmo aborrecidas? Será porque não há nada de inegavelmente diferente nas

² Citado de *A Diogneto* (ed. bilíngue), trad. de M. L. Marques, col. Philokalia 2, Lisboa, Alcalá, 2001, pp. 51ss.

³ Y. LAMBERT, “A Turning Point in Religious Evolution in Europe”, in *The Journal of Contemporary Religion*, vol. 19, n. 1, 2004, pp. 29-45.

⁴ G. DAVIE, *Religion in Modern Europe: A Memory Mutates*, Oxford, 2000, p. 3.

nossas vidas? Habitualmente, nada há que desconcerte e leve à interrogação, de tal modo que as nossas vidas não teriam sentido se Deus não existisse.

Todas as Igrejas cristãs fizeram, nos últimos anos, um grande esforço para anunciar o Evangelho. Na Igreja Católica, tem havido, sem dúvida, muitos discursos sobre evangelização. Dioceses e paróquias delinearão ambiciosos planos para dar a conhecer a nossa fé. Habitualmente, deram muito pouco resultado. Falamos de amor, liberdade, felicidade e coisas assim, mas enquanto as nossas Igrejas não forem realmente vistas como locais onde as pessoas são livres e corajosas, como irá alguém acreditar em nós? Jesus falava com autoridade, não como os escribas e fariseus, e a sua autoridade vinha da sua manifesta liberdade e alegria. As suas palavras impressionavam, porque estavam inseridas numa vida admirável, aberta aos outros, festejando com prostitutas, sem medo de ninguém. Assim, neste livro, desejo refletir sobre a diferença que a fé poderá representar na nossa maneira de viver.

Quero que fique claro, já de início, que o que pode ser inegavelmente diferente não é que os cristãos sejam melhores do que os outros. Não se pode provar que o sejam. Jesus disse: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,17), e é o que continua a fazer. Ele comeu e bebeu com os de má reputação. A Igreja é um lar para todos, especialmente para aqueles cujas vidas são um caos. Justamente, o primeiro cristão a ir para o céu foi o ladrão crucificado ao lado de Jesus. Segundo um poema síriaco primitivo, o anjo que trata dessas coisas tentou impedi-lo de entrar, porque não era o gênero de pessoa para aquele lugar!⁵

⁵ Cf. S. TUGWELL OP, *Human Immortality and the Redemption of Death*, London, 1990, p. 171.

De qualquer modo, uma comunidade que fundasse a sua existência na pretensão de superioridade moral seria não só repulsiva, como levaria inevitavelmente as pessoas a averiguar os seus fracassos e a divulgá-los com regozijo. Se as Igrejas são tão frequentemente atacadas nos meios de comunicação, e cada um dos nossos pecados dá lugar a manchetes, é porque, em geral, embora erradamente, se pensa que o sentido de ser cristão é o de ser melhor do que os outros.

Este livro não vai tentar descobrir o ingrediente especial do cristianismo, o segredo da sua atratividade, como o misterioso ingrediente especial do licor da Chartreuse ou da Pepsi-Cola. Vai, antes, considerar alguns dos diferentes aspectos da fé cristã, aprofundando aqueles que nos possam levar a divergir da cultura dominante da nossa aldeia global. São estas diferenças que explicam as afirmações que fazemos acerca da fé. Se as nossas vidas não forem, em certo sentido, diferentes, se adotamos apenas o conformismo, as nossas palavras a respeito da fé serão vazias de sentido.

Como animais que compreendem as coisas falando delas, a nossa fé tem de tomar a forma de afirmações. Asseveramos que as coisas são verdadeiras. São Tomás de Aquino, um dominicano do século XIII, defendeu que a nossa fé não visa às palavras em si mesmas, mas aquilo para que as palavras apontam, isto é, o nosso Deus que está para lá das palavras.⁶ O que não significa que as palavras não tenham importância. Muito pelo contrário. São a escada que subimos para o mistério. Mas as palavras só comunicam se apontarem para além de si mesmas.

⁶ *Summa Theologiae* (a partir daqui *ST*) II, II, 1, 2 ad 2.

Hugo de Saint-Cher, um outro dominicano do século XIII, afirmou que, “no estudo, o arco está tenso e, depois, na pregação, a seta é lançada”. Adaptando esta metáfora, as nossas afirmações de fé são como as setas de um arqueiro. A finalidade das setas é serem apontadas a um alvo e atiradas na sua direção. Se o arqueiro andar com uma seta no arco, mas nunca disparar a corda, a seta não serve para nada. E o mesmo se passa com as nossas afirmações de fé. Só têm sentido se forem como que projetadas em direção a Deus, que está para lá de todo o conceito. São os aspectos intrigantes da vida cristã que dão ao que dizemos o seu sentido e projetam as nossas afirmações para o mistério. Por exemplo, qualquer um pode dizer “Deus é amor”. Mas só será uma afirmação com algum sentido cristão, se o seu contexto for o de uma comunidade que, embora pobremente e com inúmeros fracassos, realmente ame. Se dissermos que Jesus ressuscitou dos mortos, mas não houver sinais de ressurreição na nossa vida, bem podemos falar de ressurreição até o advento do Reino, que as nossas palavras não terão nenhum sentido. Seria como um homem que, num país em que o álcool fosse proibido, falasse do prazer de beber vinho – uma atividade tipicamente dominicana, como veremos. As suas palavras não teriam o contexto que lhes daria algum sentido.

Muitas vezes, queixamo-nos da imensa ignorância dos jovens relativamente ao cristianismo. Mas será uma pura perda de tempo produzirmos mais documentos, vídeos, programas de rádio e de televisão, se não nos esforçarmos também por fazer da Igreja um lugar de coragem, alegria e esperança evidentes. Devemos escolher com cuidado as palavras que usamos. A Verdade conta. Mas as nossas palavras serão inúteis, se não estiverem

ancoradas em comunidades que mostrem como estão apontadas para além de nós mesmos, para Aquele que nos procurou e nos deu a sua Palavra. Santo Antônio, o pregador franciscano do século XIII, queixava-se de que a Igreja estava “farta” de palavras. As coisas não mudaram muito. Continuamos a produzir grandes quantidades de documentos, longos e aborrecidos sermões, mas se não se apreender uma lufada de liberdade nas nossas vidas, as nossas palavras corromperão radicalmente a pregação do Evangelho.

O sentido do cristianismo é o de orientar para Deus, como o sentido das nossas vidas. Ter esperança é agarrarmo-nos à confiança de que haverá um sentido derradeiro para a existência humana. Se não há, o cristianismo – e qualquer outra religião – é pura perda de tempo. Assim, o primeiro capítulo vai considerar o que significa ter esperança e como isso pode manifestar-se na nossa vida. Com efeito, todo este livro é uma busca acerca da nossa esperança. Mas a nossa fé não consiste em que tenhamos de fazer arduamente uma caminhada para Deus, como Frodo e Sam na sua penosa aproximação de Mordor.* A nossa fé consiste em que Deus nos procurou e encontrou. Deus está presente na vida dos seres humanos, mesmo quando não é nomeado e não é reconhecido. Por isso, o objetivo da nossa esperança, o nosso destino final, já está de certo modo presente. Os Pregadores não trazem as pessoas para Deus; damos nome ao Deus que esteve sempre lá, antes de nós. Como cristãos, acreditamos que esta presença de Deus entre nós toma a forma de liberdade, felicidade e amor. São as primícias do Reino. Por isso, os capítulos 2 e 3 abordam

* O autor faz aqui alusão à conhecida obra de J. R. R. TOLKIEN, *O senhor dos anéis*, e aos seus personagens principais. (N.E.)

a maneira como o cristianismo nos convida a uma forma nova e provocadora de liberdade e felicidade. Talvez possa surpreender, mas não dediquei nenhum capítulo ao amor, porque é a forma de toda a vida cristã e, por isso, cada um dos capítulos deste livro é, em certo sentido, uma reflexão sobre o que significa amar.

Nesse momento, tornar-se-á evidente que a entrada na verdadeira liberdade e felicidade exige de nós uma profunda transformação. A liberdade não é apenas a escolha entre alternativas, e a felicidade não é apenas uma alegre emoção. São uma participação na vida de Deus, o que exige de nós uma espécie de morte e ressurreição. Isto é assustador. Precisamos de coragem para permitir que o Deus que está conosco nos liberte e nos encha de alegria. É o assunto do capítulo 4 e é a virtude de que mais urgentemente, hoje, necessitamos na Igreja. Tornar-se-á evidente também, espero, que se tornar livre e feliz não são apenas processos mentais. Ser humano implica, profundamente, os nossos corpos. Não só temos corpos, mas também somos corpos. A condição corporal é fundamental para quase todo o ensino cristão. Não se pode entender a nossa esperança, a nossa felicidade e a nossa liberdade, se não se tiver alguma percepção do que significa ser corporal. É o que aprofundaremos no capítulo 5. No capítulo 6, examinaremos se ser cristão significa que compreendemos a verdade de maneira diferente. Mais uma vez, não é que os cristãos sejam mais verdadeiros do que os outros, e possam reclamar uma superioridade moral. Isso não é demonstrável. Mas temos uma compreensão bem pouco habitual do que significa ser verdadeiro.

S. Agostinho descreveu a humanidade como “a comunidade da verdade”, o que nos leva à questão seguinte, que é a da

unidade da humanidade. Estar orientado para Deus não é apenas acreditar que Deus é a meta da minha peregrinação pessoal através da vida e morte. Acreditamos que é em Deus que toda a humanidade encontrará o seu sentido e a sua unidade final. Estou incompleto e inacabado sem o todo da humanidade. Assim, os capítulos 7 e 8 aprofundam o que significa, para nós, acreditar na unidade final da humanidade e como isso pode influenciar a maneira como os cristãos vivem. Mas a desunião entre cristãos, e dentro das nossas Igrejas, fere gravemente o testemunho que damos acerca da unidade do gênero humano. Por isso, nos capítulos 9 e 10, vamos considerar como curar a desunião e polarização dentro da Igreja. Por fim, acabaremos refletindo acerca do que significa para nós descansar, guardar o *sabbath* [ou seja, o domingo] e, assim, orientar para esse descanso final que a humanidade é chamada a partilhar em Deus. Deste modo, o livro levar-nos-á da esperança ao seu sinal mais eloquente para nós: ser, agora, *homo ludens*, estar à vontade, brincando. Nós mostramos a nossa esperança de que a vida nos há de finalmente levar a algum lado, ao Reino, precisamente não incessantemente nos esforçando por chegar a qualquer lado.

Agradeço aos meus irmãos da comunidade de Blackfriars, em Oxford, cuja amizade e pregação me ensinaram a maior parte do que está neste livro. Agradeço especialmente a Vivian Boland OP por ter lido o texto, encorajando-me e ajudando-me. Tenho consciência de que, quando considero o sentido de ser cristão, o faço como membro de uma tradição específica, como dominicano e católico romano, mas espero que as minhas reflexões façam sentido para os cristãos de outras tradições, para quem também estou em dívida.

CAPÍTULO 1

“Quero acordar a aurora”

Qual é o sentido de ser cristão? Em resposta a esta questão, devemos começar por nos interrogarmos sobre se há algum sentido em alguma coisa. Estará a nossa vida modelada por uma meta final que lhe dá significado ou não? O cristianismo é uma tentativa de resposta a esta pergunta fundamental, ou não é nada. Quando viajava pelo mundo afora, em visita aos irmãos e irmãs, nalguns países gostavam de terminar os serões com canções e eu receava sempre o pedido: “Timothy, cante-nos uma canção”. Por isso, aprendi uma curiosa canção do tempo da Peste Negra, no século XIV, que tinha a grande vantagem de ser curta e repetitiva, e podia lembrar-me da letra por mais cansado que estivesse das viagens. Fala-nos de um jovem rapaz que morre e é confrontado por um cavaleiro que representa o diabo:

“Hei, para onde vais?”, disse o cavaleiro na estrada.

“Vou encontrar o meu Deus”, disse o rapaz e ficou firme.

E ficou firme e enfrentou, e ficou firme muito bem

“Vou encontrar o meu Deus”, disse o rapaz na estrada.

No tempo da peste, o diabo tenta o rapaz a acreditar que a sua vida não vai para lugar nenhum, além da cova. Mas o rapaz

continua a viagem, “com um grande cajado na [minha] mão”. Resiste à tentação do desespero e prossegue a sua peregrinação para o Reino. Esta é a pergunta que hoje inquieta muitas pessoas: Vamos para algum lado? Estamos direcionados para algum fim último? Mas, se não estamos, alguma coisa terá algum sentido, mesmo o simples sair da cama de manhã? É uma pergunta que talvez, muitas vezes, não seja feita, porque temos medo de que a resposta seja negativa. É a questão de saber se ousamos ter esperança ou não.

Dois dos livros com mais sucesso publicados recentemente na Europa foram *Monsieur Ibrahim et les fleurs du Coran*¹ e *Oscar et la dame rose*² de Éric-Emmanuel Schmitt – Oscar vendeu mais de 400 mil exemplares no primeiro ano. Estão na lista dos livros mais vendidos na França, Bélgica, Alemanha, Espanha e Itália. Estes dois livros são parte de uma trilogia em que os heróis são: budista, judeu, muçulmano e cristão. Falam de crianças que estão à procura de Deus. Oscar, que tem dez anos, faz a sua caminhada, na cama, durante a última semana da sua vida. Com a ajuda de uma velha lutadora cristã, Mamie Rose, ele bombardeia Deus com perguntas. Momo, que é judeu, peregrina para a casa do seu mestre sufi. Recorrem a qualquer tradição religiosa para os ajudar no seu caminho.

A expressão natural desta fome religiosa é partir em peregrinação. Quando estava fazendo o *check-in* para um voo, no Aeroporto de Stansted, notei, por cima do balcão, o anúncio de um livro sobre ciência e medicina: “Combustível para a sua viagem espiritual”. Os céus estão cheios de pessoas viajando e as nossas

¹ Paris, 2003.

² Paris, 2002.

viagens são, muitas vezes, sintoma de uma busca, de uma tentativa esperançada, embora algumas vezes seja difícil descobrir a diferença entre turismo e peregrinação. Cinco milhões de pessoas vão a Lourdes todos os anos, e dois milhões a Fátima. No verão, todas as semanas, há seis mil jovens que vão a Taizé. A Europa está entrecruzada por caminhos de peregrinação, em direção a Iona, Walsingham, Chartres, Roma, Medjugorje e Czestochowa. Esta expressão de fé é partilhada pelos muçulmanos, viajando para Meca; pelos hindus, para Varanasi; pelos xintoístas, para o Monte Fuji, e pelos crentes de todas as fés abraâmicas, para Jerusalém. Ir em peregrinação está enraizado na natureza humana. As peregrinações podem exprimir uma fé profunda, mas também dão espaço aos inseguros, àqueles que viajam esperando encontrar alguma coisa no caminho ou na meta. Estou constantemente encontrando pessoas que partem para Santiago de Compostela. Frequentemente, têm as suas hesitações quanto ao que acreditam e suspeitas quanto à doutrina, mas acreditam que é uma viagem a fazer. Podem, estatisticamente, não pertencer a nenhuma Igreja e aparecer num ofício religioso semana após semana; nada os atrai, mas sentem-se bem quando, chegados ao santuário, vão abraçar a estátua de São Tiago, que, tal como eles, está vestido de peregrino.

Os nossos antepassados tinham de fazer uma difícil experiência, quando partiam em peregrinação. Mas, embora modernamente se possam facilitar as coisas, há milhões que preferem ir a pé ou de bicicleta. Sem esforço nada se consegue, como dizem. Segundo Dante, São Tiago é o Apóstolo da Esperança, e Tomás de Aquino diz que a esperança é de um "*bonum futurum arduum possibile*"³ – de um bem futuro difícil, mas possível. Nada temos

³ ST II, II, q. 17, 1.

a dizer aos jovens acerca da nossa fé, se não estivermos preparados para caminharmos com eles, por vezes, em sentido literal, mas também mentalmente. Sem dúvida, o cardeal Basil Hume era tão estimado porque era, evidentemente, um peregrino, alguém que caminhava conosco na nossa busca de Deus. De fato, o seu livro mais conhecido foi *Ser um peregrino*.

Devemos estimar e estimular a ânsia de peregrino que há em todo o ser humano. É a expressão de, pelo menos, uma esperança implícita. O teólogo franco do século IX Pascásio Radberto disse: “O desespero não tem pés para andar o caminho que é Cristo”.⁴ Somos como pássaros ansiando por migrar quando chega a primavera ou como salmões movidos pela profunda necessidade de nadar contra a corrente, rio acima, e voltar à origem. É certamente por isso que histórias como *O senhor dos anéis* fascina tanta gente. Tocam em certa fome profunda de partir para a aventura, como Bilbo, irrequieto e incapaz de assentar. Temos de caminhar com as pessoas, como Jesus fez com os discípulos até Emaús, mesmo se, por vezes, como esses discípulos, nos parecem partir na direção errada.

Evidentemente, a questão é: essas caminhadas levam a algum lado? Achamos aquilo que procuramos? Ou andamos apenas às voltas em círculos, como os israelitas no deserto? O livro do escritor peruano Mario Vargas Llosa, *El Paraíso en la otra esquina*,⁵ fala-nos de duas pessoas que procuram o paraíso: Paul Gauguin e a sua excêntrica avó, Flora Tristán. Gauguin procurava-o num paraíso tropical, ainda incólume da sociedade industrial do

⁴ *De fide, spe et caritate, liber II, caput IV, 1*; citado por J. PIEPER, *On Hope*, San Francisco, 1977, p. 50.

⁵ Madrid, 2000.

Ocidente. A avó procurava-o na transformação dessa sociedade, um mundo justo no futuro, em que todos os seres humanos fossem iguais, especialmente homens e mulheres. Ele procurava o paraíso numa sobrevivência do passado e ela, numa antecipação do futuro. Ambos ficaram decepcionados.

A mais famosa das pinturas de Gauguin intitula-se *D'où venons-nous? Qui sommes-nous? Où allons-nous? (Donde vimos? Quem somos? Para onde vamos?)*. Foi pintada em 1897 e foi o último testamento de Gauguin, antes de tentar suicidar-se no ano seguinte. Tinha fugido do Ocidente em busca de um paraíso no Taiti, mas achou-o já em ruínas. Mudou-se, em 1891, para as Marquesas, mais longínquas, mas a administração colonial e os missionários já lá tinham chegado antes. Já não havia paraíso e ficou desesperado.

Quem somos? Esta pergunta situa-se entre outras sobre o passado e o futuro. Só poderemos saber quem somos, se tivermos uma história mais longa que olhe para trás e para a frente. Os nossos antepassados cristãos viveram dentro da história que olha para trás, para a Criação, e para a frente, para o Reino. Vimos de Deus e voltamos outra vez para Deus. A caminhada das peregrinações exprimia essa esperança. A nossa sociedade perdeu, em larga medida, essa história comum. A confiança nas esperanças seculares também está mais fraca. O sonho de Flora Tristán, de um paraíso político, em grande parte caiu por terra e há muito poucos lugares para onde se possa fugir dos ruinosos efeitos do industrialismo moderno. E, assim, o Paraíso está grandemente ausente da nossa imaginação coletiva. Já não caminhamos juntos para um destino comum. Talvez seja por isso que uma percentagem sempre crescente de jovens europeus

acredita numa vida pessoal depois da morte. Se já não possa contar uma história acerca do destino da humanidade, posso ao menos agarrar-me a alguma promessa quanto ao meu futuro.

Quando era jovem frade, no final da década de 1960, havia uma enorme consciência da promessa do futuro. Tudo parecia possível. Nos meus tempos de estudante, a frase “*L’imagination au pouvoir*” (A imaginação ao poder) estava escrita por todo lado nas paredes de Paris. Mesmo na Inglaterra dos Beatles, as coisas pareciam promissoras. Podiam encontrar-se coxas de rã e caracóis nos restaurantes e minha mãe começou a pôr alho na comida, se o meu pai não estivesse vendo. Por isso, o Reino devia estar próximo. Foi o último eco da confiança dos nossos antepassados vitorianos. Como Dickens, o perfeito vitoriano, escreveu: “O tempo flui para um fim, e o mundo está – naquilo que é mais essencial – melhor, mais agradável, mais tolerante e mais esperançado, no seu fluir”.⁶

Mas essa confiança, em grande parte, desapareceu. Paradoxalmente, um momento fulcral desta perda foi a queda do Muro de Berlim, em 1989. Na famosa frase de Fukuyama, a história tinha acabado. Os sonhos de uma transformação radical da humanidade enfraqueceram. Oliver Bennett, da Universidade de Warwick, defende⁷ que, apesar da explosão de riqueza em muitos países ocidentais, sofremos de depressão coletiva. Há violência crescente nas nossas cidades, o aumento das guerras de *gangs*, a escalada nas drogas e, no mundo em geral, cresce a desigualdade entre ricos e pobres, propaga-se a Aids, existe a ameaça de um

⁶ Citado em A. N. Wilson, *The Victorians*, London, 2002, p. 85.

⁷ O. BENNET, *Cultural Pessimism: Narratives of Decline in the Postmodern World*, Edinburg, 2001.

desastre ecológico e, acima de tudo, surge o choque entre religiões e a expansão do terrorismo.

Sem a promessa de um futuro, que podemos nós – a “Geração do Agora” [*Now Generation*] – fazer senão viver no presente? Hugh Rayment-Pickard escreveu:

À nossa volta vemos as religiões da *New Age* oferecendo piedade individualista e satisfação imediata; uma sociedade dominada pelo consumismo; uma busca do imediato nas comunicações; uma desconfiança das “ideologias”; governo político a curto prazo; apatia dos votantes; e as Igrejas cristãs cada vez mais absorvidas em questões de organização interna, de conversão pessoal e de comportamento moral individual. A crença moderna de que podemos realmente tornar melhor o mundo está enfraquecendo. O presente é o nosso novo horizonte temporal, o nosso porto de abrigo seguro no oceano do tempo.⁸

Não deixa de ser irônico que as nossas crianças cresçam com um sentido do tempo mais alargado do que qualquer outra geração. Toda criança sabe que vivemos entre o *Big Bang* e a frieza absoluta.* No Ocidente, muitas crianças sabem mais de dinossauros do que de vacas e ovelhas. Distinguem com mais facilidade um triceratope de um tiranossauro do que uma vaca holandesa de uma charolesa. Mas, nesta história, do nosso Universo e até do nosso Planeta, nós, os seres humanos, não temos um lugar especial. Provavelmente, não teríamos começado a existir quando o último dinossauro morreu e, quando nos extingirmos, haverá

⁸ H. RAYMENT-PICKARD, *The Myths of Time: From St. Augustine to American Beauty*, London, 2004, p. 99.

* O Autor faz alusão ao título do filme *Big Chill* (*O reencontro*, 1983). (N.E.)

ainda provavelmente inúmeras espécies de besouros. A única diferença que a humanidade pode fazer é negativa: criando um desastre ecológico pela nossa cupidez ou pelas nossas bombas. Não é uma história que nos prometa alguma coisa. Darwin, esse outro vitoriano típico, ajudou-nos a descobrir uma história, mas uma história que nos tira toda a importância. A sua narrativa é um sinal da enorme confiança dos vitorianos, mas não nos oferece nenhuma base para a nossa própria confiança no futuro. Desde 11 de setembro de 2001, temos evidentemente outra narrativa acerca do futuro, a guerra contra o terrorismo ou a *jihad* contra o Ocidente. O que nada promete a não ser contínua violência. Que poderá constituir uma vitória? Sir Martin Rees, presidente da Royal Society, publicou recentemente um livro em que se interroga se o século XXI será ou não o nosso último século.⁹

Contudo, potencialmente, este é um momento maravilhoso para o cristianismo. Se formos capazes de encontrar maneiras de viver e partilhar a nossa esperança cristã, ofereceremos aquilo de que o mundo está sedento. A esperança dos nossos antepassados cristãos era suportada pelo otimismo da sociedade. Era uma espécie de batismo da nossa imperial confiança. A sociedade acreditava que estava a caminho de um glorioso futuro material. E nós, cristãos, acreditávamos que a estrada levava um pouco mais longe, até o Reino de Deus. Agora, temos algo de raro e extraordinário a oferecer, que é a esperança despojada das suas muletas seculares, nova, fresca e desejável. Como vamos oferecer isto? Frequentemente, as nossas Igrejas sofrem elas próprias de certa crise de falta de esperança. Assistimos à diminuição

⁹ M. REES, *Our Final Century? Will the Human Race Survive the Twenty-first Century?*, London, 2004.

da prática religiosa, à perda de audácia, às divisões internas. As principais Igrejas estão elas próprias desencorajadas. Portanto, que esperança temos nós para partilhar?

Será que oferecemos uma história alternativa do futuro? Acreditamos no triunfo final do bem sobre o mal. Acreditamos na vinda do Reino e no fim de todo o sofrimento e morte. Mas não temos uma história para contar como isso pode acontecer. Não podemos consultar o livro do Apocalipse e dizer: "Ouçam todos, está tudo bem. Cinco pragas já passaram, só faltam duas". Não temos informações privilegiadas sobre o que vai acontecer à humanidade nos próximos cem ou mil anos.

E é bom que não as tenhamos. O século XX foi crucificado por aqueles que sabiam bem demais para onde a humanidade se dirigia e como esta deveria lá chegar. Rayment-Pickard considera que as raízes deste futuro imposto estão na crença do Iluminismo de que o futuro deve não só ser esperado mas construído. O que tem necessariamente resultados brutais:

Uma vez que há um plano, deve ser cumprido, e os seus recursos, controlados e administrados. Aqueles que não concordam com o plano ou não colaboram com ele também têm de ser "geridos". Qualquer projeto para fazer aparecer um futuro planejado requer a imposição do que Adorno e Horkheimer chamam "a razão instrumental": uma racionalidade controladora, que força tudo e todos ao serviço dos objetivos escolhidos.¹⁰

O objetivo do plano pode, frequentemente, ter sido a liberdade humana mas, no último século, vimos que muitas vezes apenas a destrói.

¹⁰ H. RAYMENT-PICKARD, op. cit., p. 119.

Em julho de 2004, visitei Auschwitz pela primeira vez. Há um grande mapa que mostra as linhas férreas de toda a Europa, conduzindo ao campo de extermínio. As linhas terminam nas câmaras de gás. Literalmente, elas são o fim da linha. Todo aquele plano e elaboração de mapas terminou em desespero e em milhões de mortos. O rabino Hugo Gryn conta como, quando chegou a Auschwitz, a entrada do campo estava coberta com *tefillin* jogados fora. Os *tefillin* eram usados na oração diária dos judeus. Era o sinal de que no campo não tinha sentido continuar a rezar. Auschwitz tornou-se uma espécie de lugar de peregrinação. Jovens vestidos de preto entoam, em alta voz, os nomes dos que morreram, com ritmo e alternadamente, como se cantassem salmos. É uma peregrinação que coloca o maior dos desafios à nossa esperança.

Muitos temem que a “guerra contra o terrorismo” se possa tornar um outro desses itinerários, trazendo mais violência. Um dos colaboradores do presidente Bush acusou os democratas de pertencerem à “comunidade fundada na realidade”, aqueles que “acreditam que as soluções virão do criterioso estudo da realidade perceptível”. E o colaborador insistiu: “Já não é assim que o mundo realmente funciona. Agora somos um Império e, ao agirmos, criamos a nossa própria realidade. Somos protagonistas da história, e vós, todos vós, ficareis apenas para estudar o que nós fizemos”.¹¹ Depois do Iraque e do Afeganistão, quem vai ser o próximo no itinerário? A Síria? A Coreia do Norte? Isto não quer dizer que tenhamos de aguardar passivamente o futuro. Mas temos de estar atentos àqueles que têm um plano global e forcem tudo a conformar-se com ele.

¹¹ Michael Northcote, referindo-se a um artigo no *The New York Magazine*, em “The Triumph of Imperial Politics”, in *The Tablet*, 6 de novembro de 2004, p. 4.

O cristianismo não oferece um itinerário, mas tem uma história. O âmago da nossa história está naqueles três dias que nos levam da Última Ceia ao Túmulo Vazio. Mas a Última Ceia foi também o momento em que os discípulos perderam a história que tinham para contar no futuro. No caminho para Jerusalém, tinham estado animados por uma "certa" história do que iria acontecer. Não sabemos com exatidão o que seria, mas com certeza que falaria de romanos expulsos de Jerusalém, da restauração de Israel e da entronização de Jesus como rei guerreiro. Como os discípulos no caminho de Emaús confessaram a Jesus: "Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel" (Lc 24,21). Qualquer que fosse a história contada por eles, desmoronou-se nessa noite. Judas tinha vendido Jesus; Pedro iria negá-lo. Os outros discípulos fugiriam com medo. Perante a sua Paixão e Morte, eles deixaram de ter uma história para contar. No momento em que esta frágil comunidade está se desfazendo, Jesus tomou o pão, abençoou-o e o deu-lhe dizendo: "Isto é o meu corpo, entregue por vós".

Este é o paradoxo fundamental do cristianismo. Como cristãos, reunimo-nos para lembrar a história daquela Última Ceia. É a nossa história fundacional, aquela na qual encontramos o significado das nossas vidas. E, no entanto, é uma história que nos narra o momento em que não havia história para contar, em que o futuro tinha desaparecido. Reunimo-nos como uma comunidade em volta do altar e relembramos a noite em que a comunidade se desfez: a nossa história fundacional é a do desmoronar de toda e qualquer história e a nossa comunidade recorda o momento em que se desfez em pedaços.

Mas o paradoxo é ainda mais profundo do que isso. Os documentos que descrevem este acontecimento, os Evangelhos,

parecem ter sido postos por escrito na tentativa de dar sentido a um segundo tempo de crise, quando mais uma vez a história do futuro desmoronou. Depois da Ressurreição, os discípulos parecem ter rapidamente fixado as suas esperanças numa outra narrativa do futuro. Levaram o Evangelho às maiores cidades do Império, sofrendo perseguições, altercando entre eles, mas, em breve, tudo estaria bem: Jesus viria de novo. O Fim estava próximo. Estas esperanças parecem ter sido especialmente intensas quando a Igreja de Roma foi perseguida por Nero, no final da década de 60. Pedro e Paulo tinham sido martirizados, mas muitos cristãos tinham-se atraindo uns aos outros. Parecia que a Igreja estava à beira da derrocada. Seguramente, Jesus estava mesmo para vir. Mas não veio. Mais uma vez, estes primeiros cristãos suportaram a crise de perder o desenlace da sua história.¹² É provável que os Evangelhos, especialmente o de Marcos, fossem o resultado dessa luta contra a crise. Assim, Jesus não veio em glória, mas a Palavra fez-se carne nas palavras novas do Evangelho.

Deste modo, cada vez que nos reunimos como comunidade para celebrar a Eucaristia, lembramos o momento em que Jesus fez face à morte e ao abandono, quando os discípulos ficaram de repente sem poder dizer para onde iam. E fazemo-lo com palavras dos Evangelhos, que foram escritos à luz da segunda grande perda de uma história do futuro, quando afinal Jesus não voltou em glória. Portanto, deveríamos saber por experiência que esperar o Reino não nos dá um itinerário. Pelo contrário, fá-lo desaparecer. Em ambos os casos, a intimidade com o Senhor cresceu, quando

¹² Para aprofundar esta teoria ver T. RADCLIFFE OP, "The Coming of the Son of Man: Mark's gospel and the subversion of the apocalyptic imagination", in B. DAVIES (ed.), *Language, Meaning and God: Essays in Honour of Herbert McCabe OP*, London, 1987, pp. 176-89.

aqueles cristãos das origens perderam as suas certezas a respeito do que vinha depois. No primeiro momento, fez-lhes o dom do seu corpo e, no segundo, dos Evangelhos. Não devemos por isso ter receio de crises. A Igreja nasceu numa crise de esperança. As crises são a nossa *spécialité de la maison*. Rejuvenescem-nos. Aque-la por que estamos passando presentemente é bem pequena.

Neste momento, vejamos o que Jesus fez, porque Ele orde-nou-nos que o fizéssemos também em sua memória. É esta me-mória que nos faz ser um povo com esperança. Vivemos dentro do espaço de esperança que este gesto abriu. Voltarei repetida-mente a ele neste livro. Como foi isto sinal de esperança?

A Última Ceia foi o choque de duas espécies de poder. Havia o poder das autoridades religiosas e políticas. Era um poder brutal e cego. Era o poder de apanhar Jesus pela força, de o prender, de o humilhar e de o matar. Era o poder de Pilatos que disse a Jesus: "Não sabes que tenho poder de te libertar e poder de te crucificar?" (Jo 19,10). Mas a história de Jesus, especialmente no Evangelho de João, é acerca de um outro tipo de poder, que é o poder do sinal e da palavra. Jesus realiza sinais, muda a água em vinho, abre os olhos do cego, faz os mudos falar e ressuscita Lázaro. Não é um poder mágico, como se Ele fosse um Gandalf do século I e Pedro um outro Frodo.* É o poder do significado e da verdade. E, por isso, Jesus diz a Pilatos: "Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aque-le que é da verdade, escuta a minha voz". Pilatos respondeu: "O que é a verdade?" (Jo 18,37-38). E manifestamente não esperou por uma resposta. Não precisava dela, pois tinha os soldados.

* Alusão a personagens de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien. (N.E.)

A Última Ceia é assim o choque entre o poder da força bruta e o poder do sinal. Há o poder de Pilatos e o poder do homem fraco e vulnerável, que toma o pão e o parte e partilha em face da morte. Toda Eucaristia é a celebração da nossa confiança de que, em Cristo, o sentido triunfará de maneiras que não podemos adivinhar ou prever. Vaclav Havel, dramaturgo e antigo presidente da República Checa, define-o assim: “A esperança não é a convicção de que alguma coisa acabará bem, mas a certeza de que alguma coisa tem sentido, independentemente do modo como acabar”.¹³ É a convicção de que acabaremos por descobrir que tudo aquilo para que vivemos, felicidade e desgosto, vitória e derrota, tem algum sentido. Apesar da loucura do último século, com as suas guerras mundiais, bombas nucleares, genocídio e Holocausto, a existência não está condenada ao absurdo.

A nossa esperança do Paraíso não tem que ver com o triunfo de alguma força bruta: de exércitos, de economias capitalistas ou comunistas, ou de qualquer raça ou classe. É a derradeira e inimaginável vitória do significado. A nossa história começa com Deus dizendo uma palavra, e a Criação vindo à existência. “[Ele] disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita” (Gn 1,3). Ele cria com o que S. Máximo o Confessor chamou “a incomensurável força da sabedoria”.¹⁴ Existir não é um fato bruto. É ser mantido no ser pela Palavra de Deus. Por isso, compreender as coisas não é impor-lhes um significado arbitrário: é entrar em contato com o Criador que lhes dá existência. E sempre, desde que Adão deu nome aos animais, temos tido a vocação de partilhar pela fala essa palavra, até que ela nos traga o pleno cumprimento da

¹³ Citado por S. HEANEY, *Redress of Poetry*, London e New York, 1995, p. 4.

¹⁴ *Discursos Dirigidos a Thalassius Quaestio 63*, tradução do Breviário.

Criação: o Reino. Sempre que falamos uns aos outros ou uns dos outros, ou estamos sendo colaboradores de Deus na Criação ou tentando subvertê-la.

Esta espécie de poder pode parecer bastante ineficaz, comparada com os poderes deste mundo: os poderes da força e do dinheiro. Isto pode parecer evidente especialmente àqueles que cresceram no mundo da Revolução Industrial. Era um mundo que foi fundado no aproveitamento da força bruta, a força do vapor e do carvão, o poder da eletricidade e, por fim, o poder do átomo. E estava em ligação com o triunfo dos poderes militares imperiais em competição para dominar o mundo inteiro. Era a força bruta ao serviço de uma história particular, que era a do triunfo do Ocidente. Os ingleses, particularmente, eram conduzidos por um mito: serem o povo eleito de Deus, e que toda a força bruta se justificava ao serviço dessa história. No presente, os americanos são os herdeiros deste mesmo mito. Nesta espécie de mundo, pode parecer bastante ineficaz argumentar que sinais e palavras são muito poderosos. Significado é aquilo que acontece na nossa cabeça. E nesta espécie de mundo, a religião teve de se esforçar muito para ser levada a sério. Basta lembrar a famosa pergunta de Stálin: Quantas divisões de tanques tem o Papa?

Mas o nosso mundo está num processo de profunda mudança. No Ocidente, todos podemos ver os sinais do fim da Revolução Industrial. As suas antigas indústrias pesadas estão grandemente moribundas. Vive-se num novo mundo, que Zygmunt Bauman, das Universidades de Leeds e Varsóvia, chama *Modernidade líquida*.¹⁵ Neste novo mundo, o que circula não são

¹⁵ Z. BAUMAN, *Liquid Modernity*, Cambridge, 2000.

tanto os bens pesados – aço, carvão e coisas do gênero –, mas imagens, símbolos e sinais. Vivemos na chamada “sociedade saturada de símbolos”.¹⁶ Neste novo mundo, a estranha insistência cristã no poder dos sinais pode acabar por não parecer assim tão tola. Se pudermos encontrar sinais de esperança, o mundo prestará atenção e transmiti-los-á num instante a todo o globo pela internet. Pensem naquela pequena figura vulnerável, diante de um tanque, na Praça de Tiananmen. Em poucas horas, a sua imagem era visível em toda a parte do globo, e o governo de um quarto da humanidade foi abalado.

São Francisco foi um homem que falou através de gestos simbólicos a um mundo que estava, como o nosso, em profunda transformação. G. K. Chesterton escreveu:

As coisas que disse foram mais memoráveis do que as coisas que escreveu. As coisas que fez foram mais imaginativas do que as coisas que disse [...]. Desde o momento em que rasgou as suas vestes e as atirou aos pés de seu pai até ao momento em que, para morrer, se estendeu na terra nua em forma da cruz, a sua vida foi feita destas atitudes inconscientes, destes gestos sem hesitação.¹⁷

Por isso, Giotto foi o artista perfeito para Francisco. Os seus frescos tornam permanentemente visível o significado do que Francisco fez. Ecoam e prolongam estes gestos criativos. Nós, os dominicanos, tivemos Fra Angélico. A internet oferece-nos um veículo semelhante. Como poderemos usar a rede, tal como os franciscanos e os dominicanos usaram os melhores artistas do seu tempo?

¹⁶ S. LASH e J. URRY, *Economics of Signs and Space*, London, 1994, p. 222.

¹⁷ G. K. CHESTERTON, *St. Francis of Assisi*, London, 1939, p. 106.

Obviamente, os terroristas que planejaram o 11 de setembro compreenderam muito bem a importância de atos simbólicos. A destruição da vida e os danos materiais foram terríveis e inexprimíveis, mas tudo foi planejado como um evento simbólico, com os símbolos da comunicação moderna, os aviões a jato, esmagando-se contra os símbolos do poder militar e comercial americano, o Pentágono e as Torres Gêmeas. Foi um acontecimento simbólico violento que expressou a não comunicação. É por isso que as únicas respostas verdadeiramente efetivas só podem ser outros gestos que expressem criatividade e não destruição, perdão e não violência. E, para muitos de nós, a primeira coisa que registramos depois da crise foi a chegada dos bombeiros, prontos para dar a vida. Lembramos também o seu capelão franciscano, Mychael Judge, que morreu com eles.

Alguns dominicanos americanos decidiram comemorar o primeiro aniversário do 11 de setembro com um mês de jejum, consumindo apenas água. Entre eles, havia irmãos, irmãs e uma dominicana leiga, Sheila Provender, que em seguida passou a guerra do Iraque em Bagdá. Alguns outros juntaram-se-lhes apenas por um curto período, como é o meu caso. É uma ótima maneira de perder peso! Como a ameaça da guerra cresceu, isso tornou-se um outro ponto central. Tínhamos todos camisetas que proclamavam "Tem que haver outra maneira". Acampávamos na Union Square, imediatamente ao norte do Marco Zero, e todos os dias falávamos com centenas de pessoas que vinham interrogar-nos e ler os nossos panfletos. Muitos judeus e muçulmanos juntaram-se a nós em oração, três vezes ao dia. O que me admirou foi que o significado simbólico do jejum foi imediatamente compreendido, mesmo pelos jovens – com exceção

daquele rapaz que, todos os dias, vinha comer o seu hambúrguer com batatas fritas junto de nós, e o hambúrguer tinha cada dia um cheiro mais delicioso. Este ato simbólico falou. Diariamente, havia câmaras de televisão e jornalistas para transmiti-lo.

Admitamos que parece não ter tido muitas consequências. Não há registros de que o presidente Bush tenha telefonado ao primeiro-ministro britânico para combinar o cancelamento da guerra porque os dominicanos estavam a fazer jejum em Nova York. Mas é por sinais que dizem a nossa esperança que abrimos janelas para a graça transformante de Deus no mundo. É por atenção ao significado e não à força bruta que tomamos parte no ato de Deus dizendo uma palavra que atrai o Reino, que diz: “Que os seres cresçam”, e é o que fazemos. Em *O mercador de Veneza*, Pórcia diz: “Que longe aquela pequena candeia lança os seus raios / assim brilha uma boa ação num mundo maldoso”.¹⁸

Jesus não abriu os olhos a todos os cegos em Israel. Podemos mesmo interrogar-nos sobre se curar um cego teria feito alguma diferença. Não resolveu os problemas de todas as bodas em que o vinho veio a faltar. Mas estes pequenos sinais eram parte de uma palavra de Deus que cria e recria. É a própria fragilidade e pequenez destes gestos que os faz falar mais poderosamente. O Senhor não deixou Gedeão derrotar os madianitas enquanto o seu exército não foi reduzido de 32 mil homens para 300. Na Bíblia, o pequeno é belo. Jesus diz que tudo o que se fizer ao último, ao mais pequeno dos seus, a Ele o fazemos. Pequenos atos são tanto as orações para que o Reino venha como o dizer aquela palavra de Deus que o torna mais perto.

¹⁸ W. SHAKESPEARE, *O mercador de Veneza*, Ato V, cena 1.

Jesus não fez apenas um sinal *qualquer*. No momento em que estava para ser entregue nas mãos dos seus inimigos, o que Ele fez foi um ato criador e transformante. Seria entregue por um dos seus discípulos ao poder brutal do Império. Não se limitou a aceitá-lo passivamente: transformou-o num momento de graça. Fez da traição um momento de dom. Disse: "Entregais-me e fugis. Eu tomo esta infidelidade e faço dela um dom pessoal por vós".

Ter esperança não é apenas apostar que a bondade é mais forte do que o mal. Não é apenas a confiança de que Deus terá a última palavra, como um herói num filme que chega a galope no último momento para nos salvar. Por este gesto, Jesus assume este ato supremamente sombrio, o assassinato do Filho único de Deus, e torna-o frutuoso. Por isso, nada há na história humana que não possa, de certa forma, de maneira que não podemos antever, ser assumido e dar fruto. Karl Barth dizia que a música de Mozart era tão poderosa porque continha um grande "Não" engolido num "Sim" triunfante. Como Rowan Williams escreveu: "A luz está no coração da escuridão; a aurora chega quando se entra plenamente na noite".¹⁹

Eu fui pela primeira vez ao Burundi durante o recomeço dos conflitos étnicos entre hutus e tutsis, que têm crucificado aquele belo país. Desejava visitar a comunidade de monjas dominicanas no norte do país. Era realmente muito perigoso ir por estrada e, por isso, planejamos voar com um pequeno avião das Nações Unidas, que ia lá de vez em quando. Mas, por causa da violência crescente, as Nações Unidas retiraram-se do país e, assim, tivemos de confiar que tudo correria bem e fomos de carro. Foi uma

¹⁹ R. WILLIAMS, *Open to Judgment*, London, 1994, p. 100.

viagem penosa. Fomos parados pelo exército, que tentou evitar que avançássemos, porque havia combates na estrada. Encontramos um carro cheio de gente morta. Houve tiros, penso que dirigidos contra nós. Todo o país estava carbonizado e moribundo. As colheitas tinham sido queimadas. E, depois, à distância, vimos uma colina verde: era o mosteiro.

Seis das monjas eram tutsi e seis hutu. Era um dos poucos lugares em que os dois grupos étnicos viviam juntos em paz e amor. Todas tinham perdido quase toda a sua família na matança. Apenas uma, uma jovem noviça, tinha passado até aí sem luto familiar e, quando estávamos lá, chegou a notícia da destruição da sua família. Eu perguntei-lhes como conseguiam viver em paz umas com as outras. Responderam que, além da sua oração comum, ouviam as notícias juntas para poderem partilhar tudo o que acontecia. Nenhuma deveria ser deixada só na sua dor. Pouco a pouco, pessoas de todos os grupos étnicos souberam que os terrenos do mosteiro eram um lugar seguro e juntaram-se na sua igreja para rezar, e fizeram as suas plantações na vizinhança. Era um espaço verde numa terra queimada – e um sinal de esperança.

Quando o Papa João Paulo II foi a Jerusalém, muitos israelitas, segundo o rabino Jonathan Sachs, estavam céticos. Que diferença poderia fazer aquela visita? Mais palavras. Mas ele transformou a situação quando foi ao Muro das Lamentações e, em silêncio, tomou o seu lugar com outros judeus que lamentavam a destruição do Templo. Partilhou a sua desolação. Ficaram comovidos “pela visão daquele indivíduo frágil e solitário, de pé, junto ao muro do que fora outrora o Templo, carregando em si o peso de séculos de alheamento, decidido a arrepender-se do

passado e a traçar um novo caminho para a frente".²⁰ Sinais que falam, são eficazes.

No Ocidente, a Igreja foi colocada perante a sua própria traição, que deve assumir: trata-se dos abusos sexuais cometidos por uma pequena percentagem do clero. Muitos responsáveis eclesiásticos parecem ter tido a esperança de acordar uma manhã e descobrir que esse pesadelo tinha desaparecido, e que poderiam continuar como dantes. Ousamos acreditar que este sofrimento também pode ser encarado com clareza e esperança. Tal como Jesus assumiu a traição de Judas, podemos ousar encarar a traição que isto representa, confiando que possa dar fruto. Enda McDonagh pergunta se ousamos partilhar o desespero daqueles que foram abusados: "Estamos condenados ao desespero, o desespero que perseguiu as vítimas [de abuso sexual], durante décadas, enquanto procuravam uma mão caridosa, pastoral que os acompanhasse através da sua escuridão? É aí que todos deveríamos estar, como irmãos e irmãs em Cristo, tentando partilhar a dor, a escuridão e o desespero".²¹ Com eles, podemos descobrir uma esperança nova e dinâmica. Se fugimos, o momento será estéril, como se Jesus tivesse escapado pela porta dos fundos em vez de encarar aquela sombria noite de traição.

O nosso Sacramento da Esperança [a Eucaristia] é celebrado num tempo em que parecia não haver esperança. Não era apenas um apontar para o futuro. Num certo sentido, o futuro faz-se nele presente. O que [Jesus e os discípulos] desejavam foi antecipado nesse momento. Diante da morte, comeram e beberam e fizeram festa. A eternidade irrompe então. Os soldados podem

²⁰ *The Times*, 9 de abril de 2005.

²¹ E. McDONAGH, "Shared Despair", in *The Furrow*, maio de 2002, p. 261.

estar se aproximando, mas é agora o momento de Jesus partir o pão. Agora é o único momento que existe.

Como cristãos, pomos a esperança na eternidade. Mas a eternidade não é o que acontece no fim dos tempos, quando tivermos morrido. Começa agora, sempre que tomamos parte na vida de Deus. Aparece sempre que superamos o ódio com o amor. Efetivamente, a “Geração do Agora” não vive no momento presente, mas para aquilo que está quase a acontecer, para a gratificação que está quase a ser dada, para a aquisição iminente, o consumo antecipado. Ansiamos pelo telecomando. A esperança significa a ousadia de deixar a eternidade de Deus romper através das nuvens do agora. Ter esperança é viver neste preciso momento presente em que alguma coisa pode acontecer. Como escreveu Mestre Eckhart, o dominicano do século XIV: “O que é hoje? Hoje é a eternidade”. Assim, a celebração da Eucaristia é o sacramento da nossa esperança do Reino. Mas o Reino é vislumbrado agora. Podemos saborear agora a sua futura alegria. Precisamos de sinais que falem do futuro.

Em 1966, o Papa Paulo VI e o arcebispo Michael Ramsey celebraram juntos uma liturgia ecumênica na Basílica de São Paulo Extramuros, em Roma. Assinaram uma declaração comum, afirmando o seu desejo de unidade. E, depois, Paulo VI tomou o Arcebispo à parte para lhe mostrar uns afrescos. De repente, pediu a Ramsey que tirasse o anel. Este ficou profundamente intrigado, mas fê-lo. O Papa pôs-lhe no dedo o seu próprio anel, que tinha usado como Arcebispo de Milão. Ramsey desatou a chorar e usou o anel até o fim da sua vida. É o anel que o arcebispo Rowan Williams usou quando foi visitar João Paulo II. Tem sido frequentemente observado que há alguma incoerência

entre este gesto de reconhecimento e a recusa católica oficial de reconhecer a validade das ordenações anglicanas. Mas um gesto destes não é tanto uma expressão do que é a situação atual, mas mais uma extensão para o futuro. Ao exprimir uma esperança, torna-a mais próxima. As nossas Igrejas podem ainda estar separadas, podemos não estar ainda em comunhão, mas este é um gesto que alcança o que está para vir. A reunificação das Igrejas pode não ser o Paraíso, mas pelo menos seria o fim de um escandaloso contratestemunho.

Em abril de 2002, em visita ao Cairo, fui levado pelo Prior [da comunidade] a uma parte da cidade que nunca é visitada pelos turistas: Mukatam. É o local onde vivem os que recolhem o lixo. Há uns 300 mil, muitos dos quais são cristãos. É o lugar mais sujo e malcheiroso que já visitei. Mesmo as crianças parecem velhas e jogam apaticamente futebol nas ruas. Todos os dias, levam as suas carroças puxadas por burros à cidade para trazer o lixo que examinam para ver se alguma coisa pode ser preservada e reciclada. Mas, no regresso, podem ver as grandes falésias por detrás da cidade. Nelas, um artista polonês pintou imagens de Cristo em glória: a Ressurreição de Cristo, a sua Ascensão ao Céu e a sua Parusia. Ao voltar a casa, eles veem estes sinais e lembram-se de que não são apenas os cidadãos de Mukatam, mas também do Reino. Estes sinais falam do que vai acontecer.

Quando uma vez contei esta experiência, foi-me objetado que isto podia ser uma maneira de oferecer o ópio da religião, de os "reconciliar" com a sua sorte. A crença na glória futura pode encorajá-los a resignarem-se com o sofrimento presente e a não lutarem por justiça. E pode ser assim. Mas o objetivo daqueles gestos e imagens é precisamente dar-nos esperança para

que possamos vencer a apatia e o sentimento de impotência, e atuemos. Quando estava no Cairo, fui também levado a ver um projeto num bairro degradado, no qual colaboram cristãos e muçulmanos para instalar água potável e esgotos. Os sinais prometem o futuro e, por isso, libertam-nos da apatia, de modo a que possamos organizar-nos e fazer alguma coisa.

John Cleese disse no filme *Clockwise* [*O homem que perdeu a hora*]: “Não é o desespero que me preocupa; é a esperança que não posso suportar”. A esperança desafia o nosso fatalismo e, por isso, é tão perturbante. Eric Hoffer escreveu que “os que quisessem transformar uma nação ou o mundo não o poderiam fazer criando e canalizando o descontentamento ou demonstrando a razão e a conveniência das mudanças desejadas ou obrigando as pessoas a outro tipo de vida. Têm de saber como acender e atizar uma esperança extravagante”.²² Cerca de um sexto da população mundial vive em extrema pobreza.²³ Ela mata cerca de 20 mil pessoas por dia. Morrem pela única razão de serem pobres. Não é de forma alguma irrealista defender que podemos eliminar a extrema pobreza no primeiro quarto do século XXI. Há cem anos, cerca da mesma proporção da população da Grã-Bretanha vivia em extrema pobreza e algumas pessoas diziam que não podia ser de outro modo: mas estavam enganadas. Como cristãos deveríamos recusar o fatalismo e lutar para erradicar a pobreza extrema. Como cristãos, não temos nenhuma intuição política ou econômica especial sobre como isso pode ser feito, mas realizamos sinais que exprimem a nossa esperança. Isto exige de nós

²² E. HOFFER, *The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements*, New York, 1951, p. 98.

²³ J. SACHS, *The End of Poverty: How We can Make it Happen in Our Lifetime*, London, 2005.

imaginação e audácia. Se as pessoas vissem que os cristãos são capazes de gestos um pouco loucos, em vez de recuarem sempre timidamente, porque parece que não são capazes ou porque os outros não apreciam o que eles fazem, poderiam captar uma lufada da nossa extravagante esperança.

“Todos os desgostos podem ser suportados, se os enquadrarmos numa história ou contarmos uma história acerca deles.”²⁴ É geralmente aceito que é contando histórias que nós, os humanos, damos sentido às nossas vidas, com as suas tristezas e as suas alegrias. Individual e comunitariamente, vivemos graças a histórias que dão forma e sentido às nossas experiências. Nós, cristãos, encontramos esperança em viver no seio de uma história. É ela que dá forma ao ano cristão, do Advento à Festa de Cristo Rei. E reúne-nos em volta do altar todos os domingos. A história que partilhamos contém uma promessa. Mas poderá essa história não ser verdadeira? Um amigo meu, que é um prelado do Vaticano, citou, de forma bastante imprevisível, a canção *A life of surprises* [Uma vida de surpresas] do grupo *Prefab Sprout* numa importante conferência internacional: “O mundo precisa dos seus sonhadores / Ainda que eles nunca acordem”. Houve certo alarme na sala porque o tradutor para francês pensou que ele tinha dito “o mundo precisa dos seus extremistas”. Serão os cristãos apenas uns sonhadores que ainda não acordaram para o frio absurdo da realidade? Será que a vida é apenas “uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, nada significando”?²⁵

²⁴ I. DINESEN, citado por R. GAITA, *A Common Humanity: Thinking About Love and Truth and Justice*, London, 1998, p. 98.

²⁵ W. SHAKESPEARE, *Macbeth*, V. 5.

D. H. Lawrence escreveu:

O otimista constrói para si segurança dentro de uma cela
E pinta as paredes interiores do azul do firmamento
E tranca a porta
E diz que está no céu.²⁶

Talvez a Igreja passe por momentos de crise para que Deus possa demolir as celas otimistas nas quais nos refugiamos. Deita abaixo as paredes azuis, para que a luz do sol entre brilhando e possamos sair. Numa profissão solene, o então Provincial da Província inglesa Ian Hislop fez a pregação. Era um escocês abrupto e agreste, convertido do presbiterianismo. Ele disse:

Eu estou chegando ao fim da minha vida religiosa e vocês estão agora começando a de vocês. Ao olhar para trás, para a minha vida religiosa que foi bem longa, penso em tudo o que me esforcei por construir e apoiar. Esforcei-me, muitas vezes, seriamente, por construir alguma coisa, por deixar algum monumento que me sobrevivesse; mas, inevitavelmente, um idiota qualquer apareceu depois de mim e deitou abaixo tudo o que eu tinha construído, e chamou isso de progresso. Por isso, desejo dar-vos este conselho, sejam quais forem os esquemas que possam maquinar, os planos que possam formular, estejam seguros de uma coisa: Deus vai frustrar tudo isso!²⁷

Parece pessimismo calvinista, mas não é. Os nossos sonhos são demasiado pequenos e, se Deus os desfaz, é para que nos

²⁶ D. H. LAWRENCE, "The optimist", cit. por RAYMENT-PICKARD, op. cit., p. xi.

²⁷ Sermão de A. WHITE OP, *The Acts of the Provincial Chapter of the English Province of the Order of Preachers*, Oxford, 2000, p. 66.

possamos aventurar no espaço mais vasto da sua Vida. Deus liberta-nos de pequenas ambições para que possamos aprender a ter uma esperança mais extravagante.

Nem o ano litúrgico nem a Eucaristia nos proporcionam algum esclarecimento sobre o que nos espera. "A narrativa do tempo avança na fé sobre um abismo de desconhecimento. As nossas narrativas não são mais do que uma súplica para que o tempo tenha sentido."²⁸ Tem de ser assim, porque ainda não podemos saber o significado das nossas vidas, porque esse significado é Deus e, como Tomás de Aquino nos diz, o que Deus é não o podemos saber. Estamos destinados "[a]o que o olhar não viu, o ouvido não escutou, nem o coração humano concebeu, ao que Deus preparou para aqueles que o amam" (1Cor 2,9). A chegada significa que temos de passar pela morte. É então que tudo será efetivamente desfeito para que possamos sair para a plena luz do sol de Deus.

Começamos este capítulo com o Momo e o Oscar, os nossos jovens peregrinos. São jovens, e os jovens são sempre um sinal de esperança, porque estão no começo. Santo Agostinho diz que "Deus é mais jovem do que tudo o mais".²⁹ Nós envelhecemos, mas Deus permanece sempre mais novo que nós. A esperança exprime a eterna juventude de Deus. No famoso poema de Péguy sobre a esperança, ele a vê simbolizada na sua filha de nove anos. "Agora, esta menininha esperança é quem sempre começa."³⁰

Todos os anos festejamos o nosso aniversário. Lembramo-nos de que estamos um ano mais velhos, com mais uma vela

²⁸ H. RAYMENT-PICKARD, op. cit., p. 16.

²⁹ *De Genesi* 8, 26, 48.

³⁰ *O pórtico do mistério da segunda virtude.*

no bolo. Mas, no Natal, não festejamos a grande idade de Jesus com um imenso bolo. Ele é sempre o Emanuel, Deus conosco, recém-nascido, novo e a começar apenas. O Natal é a festa da eterna novidade de Deus. Eu visitei Ruanda depois do genocídio e encontrei um dos meus irmãos, um dominicano canadense, desolado. Quase todos os seus amigos tinham morrido. Tudo o que tinha conseguido estava destruído. Parecia não haver futuro algum. Mas depois, no Natal seguinte, enviou-me uma foto dele com dois rechonchudos bebês ruandeses e escreveu abaixo: “A África tem um futuro”. Todos os Natais, quando lembramos o nascimento de Cristo criança, podemos dizer: “A humanidade tem um futuro”.

Mas Oscar e Momo são crianças que enfrentam a morte. Oscar enfrenta a sua própria morte com a ajuda de Mamie Rose, a extraordinária lutadora, e Momo tem de testemunhar a morte do seu mestre sufi. Esta confrontação dos jovens com a morte simboliza, hoje, a fragilidade da nossa esperança. O *Estudo dos Valores Europeus* mostra que um número crescente de jovens europeus está preocupado com a morte. Talvez o colapso das grandes narrativas que, no último século, prometiam um futuro para a humanidade nos tenha feito concentrar no nosso destino pessoal. Por alguma razão, muitos jovens católicos acreditam no Céu, enquanto os jovens protestantes apenas acreditam na “vida depois da morte”. Há menos pessoas hoje a ser batizadas ou a casar na igreja, mas muita gente ainda olha para a Igreja para que cuide delas quando morrem. A França é um dos países mais secularizados da Europa, mas 70% dos franceses ainda deseja que a Igreja os enterre. Mesmo o Presidente Mitterand, como bem se sabe um agnóstico, deixou antes da

morte uma enigmática instrução: "*Une messe est possible*".³¹ E teve duas simultâneas.

O sinal de Jesus, na Última Ceia, foi muito belo. Se é para falar de esperança em face da morte, tem de ser reconstituído com beleza. O ensino da Igreja é, frequentemente, recebido com suspeita. Dogma é uma palavra feia na nossa sociedade. Mas a beleza tem a sua autoridade própria. Dá voz à esperança, escassamente estruturada, de que exista afinal um sentido para as nossas vidas. A beleza exprime a esperança de que a peregrinação da existência se dirige, de fato, a algum lado, mesmo se não sabemos dizer aonde e como. A beleza não é a cobertura do bolo litúrgico. Faz parte da sua essência. C. S. Lewis escreveu que a beleza surge do desejo "da nossa pátria remota",³² do lar que sempre desejamos e nunca vimos. Quando Ellen MacArthur estava chegando ao fim da sua viagem em volta do mundo, a sós, no seu barco, soube que estava perto de casa quando sentiu o cheiro da terra muito antes de a poder ver. A beleza traz-nos o odor do Reino.

George Steiner, em *Real Presences*, defende que a criação artística é o que de mais perto nos aproxima do sentido da criatividade de Deus: "Bem no fundo, dentro de qualquer 'ato de arte', está o sonho de um salto para fora do nada, da invenção de uma forma anunciadora, tão nova, tão única para o seu criador, que ultrapassaria literalmente o mundo".³³ Uma bela obra de arte evoca o primeiro *fiat*, quando Deus disse "Faça-se luz". Perante

³¹ G. DAVIE, op. cit., pp. 61s.

³² Citado por R. HARRIES, *Art and the Beauty of God: A Christian Understanding*, London, 1993, p. 4.

³³ G. STEINER, *Real Presences: Is There Anything in What We Say?*, London, 1989, p. 202 (ed. portuguesa: *Presenças reais*, Presença).

a morte, é a beleza que exprime a nossa esperança de recriação e eternidade. Yeats disse que ninguém “pode criar como fizeram Shakespeare, Homero, Sófocles sem acreditar, com todo o seu sangue e nervo, que a alma do homem é imortal”.³⁴

George Patrick O’Dwyer, o terrível e irascível Arcebispo de Birmingham, estava presidindo uma Eucaristia paroquial, no final da década de 1960. A equipe litúrgica da paróquia tinha trabalhado muito para preparar uma festa rica com os cânticos mais modernos. Havia imensas guitarras. No meio de uma das canções, o arcebispo fechou com estrondo o livro e gritou: “Basta destas cançõezinhas banais. Vamos cantar qualquer coisa decente. Abram na página 82”, ou qualquer do gênero. No fim da missa, o pároco agradeceu a cada um a sua contribuição e, depois, pediu publicamente desculpas pela horrível incorreção do arcebispo. Houve um terrível silêncio e o arcebispo disse: “Tenho uma coisa a dizer. Há pelo menos um padre corajoso nesta diocese”.

Apesar da sua tremenda incorreção, muitos de nós podemos simpatizar com o arcebispo. Muitas vezes, o que nos é oferecido na Eucaristia não tem a beleza que pode exprimir a esperança transcendente. O último salmo do Saltério diz: “Louvai-o ao som da trombeta, louvai-o com a harpa e a cítara! Louvai-o com tambores e danças, louvai-o com instrumentos de corda e flautas!”. Oxalá o fizéssemos realmente, em vez de contradizermos redondamente o sentido das palavras debitando-as monotonicamente! Se a Igreja quer oferecer esperança aos jovens, temos de proceder a um amplo reflorescimento de beleza nas nossas igrejas. Muitos momentos de renovação do cristianismo foram realizados com

³⁴ Citado por G. STEINER, op. cit., p. 228.

uma nova estética, seja o cantochão na Idade Média, a música barroca a seguir ao Concílio de Trento ou os hinos metodistas de Wesley, nos finais do século XVIII.

John Donne acreditava que a palavra com a qual Deus criou o mundo era uma canção. Este é um tema que percorre toda a nossa tradição, desde os salmistas que cantaram o modo como toda a Criação louva o Senhor até as teorias medievais sobre “a música das estrelas” ou as modernas teorias sobre a matéria e as suas harmonias.³⁵ Michio Kaku disse: “A Física não é mais do que as leis da harmonia. O universo seria uma sinfonia destas cordas vibrantes e, assim, a mente de Deus, de que Einstein escreveu, a mente de Deus seria música cósmica, música cósmica a ressoar através do hiperespaço de dez dimensões”.³⁶ Por isso, é também com música que exprimimos a nossa esperança daquele lugar no qual, segundo Donne, haverá não “ruído ou silêncio mas sim uma música uniforme, não temores ou esperanças mas sim uma constante possessão, não inimigos ou amigos mas sim uma duradoura comunhão e identidade, não fins ou princípios mas sim uma permanente eternidade”.³⁷

Assim, um dos sinais de que precisamos, em face da morte, é música, colcheias e semínimas numa página. À noite, quando o salmista se sente tentado pelo desespero, canta: “Despertai, lira e cítara: quero acordar a aurora”. É, acima de tudo, a música que vence as trevas e exprime uma esperança daquilo que não podemos imaginar. Quando o meu pai estava para morrer, pediu-nos

³⁵ Por exemplo B. GREEN, *The Elegant Universe*, New York, 1999.

³⁶ BBC 4, *Frontiers*, 11 de maio de 2005, apresentação de Peter Evans.

³⁷ G. POTTER e E. SIMPSON (ed.), *The Sermons of John Donne*, vol. 8, Berkeley, 1953-62, p. 191.

que comprássemos um *walkman* para poder ouvir música. É a mais corpórea e a mais abstrata das artes, significado encarnado que nenhuma força bruta pode suprimir.

“Esperança” é a coisa com penas
Que se empoleira na alma
E canta a melodia sem palavras
E nunca para – absolutamente.³⁸

³⁸ E. DICKINSON, *The Complete Poems*, ed. T. H. Johnson, London e Boston, 1975, 254, p. 116.